

Traduzindo Roberto Arlt: o caso de “El cazador de orquídeas”¹

*Aline Almeida Duvoisin
Juliana Steil*

Resumo: O presente artigo comenta uma tradução de “El cazador de orquídeas”, de Roberto Arlt. Depois de apresentar o conto e de situá-lo brevemente no projeto criativo do autor, o comentário concentra-se na discussão das decisões tradutórias referentes a marcas de oralidade fonéticas, lexicais e morfosintáticas, tomando como referência a reflexão de Britto (2012). A tradução completa do conto encontra-se ao final do trabalho.

Palavras-chave: *Roberto Arlt, El criador de gorilas, “El cazador de orquídeas”, tradução literária, oralidade*

Resumen: Este artículo comenta una traducción de “El cazador de orquídeas”, de Roberto Arlt. Tras presentar el cuento y ubicarlo brevemente en el proyecto creativo del autor, el comentario se concentra en discutir las decisiones de traducción relacionadas con las marcas de oralidad fonéticas, lexicales y morfosintáticas, tomando como referencia la reflexión de Britto (2012). La traducción completa del cuento se encuentra al final del trabajo.

Palabras clave: *Roberto Arlt, El criador de gorilas, “El cazador de orquídeas”, traducción literaria, oralidad*

“El cazador de orquídeas” foi um dos contos que Roberto Arlt (1900-1942) escreveu com base numa viagem que fez pela África e pela Ásia durante a década

1 Nossos agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul pela bolsa (PROBIC/FAPERGS) concedida para a realização do estudo que deu origem a este trabalho. Este artigo retoma e amplia a discussão apresentada (na forma de comunicação e resumo expandido) na 6a. Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPel (6a. SIIPE-UFPel, 2020).

de 1930. Esses contos foram publicados originalmente em 1936 e 1937² no jornal *El Mundo Argentino* e na revista *El bogar* (ARLT, 1969). Em 1941, a editora chilena Zig Zag reuniu e publicou 15 deles no livro *El criador de gorilas* (SWINBURN, 2008). Até onde pudemos investigar, a primeira edição desse livro na Argentina foi realizada pela Compañía General Fabril Editora em 1969. É ela que tomamos como referência neste trabalho.

A edição publicada em 1969 coincide com o processo de valorização, tanto argentina quanto internacional, da obra arltiana, que teve início nos anos 1960 – um reconhecimento tardio, já que Arlt atuou como escritor entre 1920 e 1940 (JORDAN, 2007). Atualmente considerado um dos precursores do modernismo na Argentina, as primeiras críticas, tanto em relação a questões temáticas quanto a questões estilísticas, fizeram com que seu trabalho demorasse a ser incorporado à tradição literária.

Esse estranhamento inicial deve-se a que suas narrativas destoavam das características temáticas e estilísticas que predominavam no sistema literário argentino naquela época. Como detalhou Rita Gnutzmann (2007), Arlt interessava-se por temas que provinham do ambiente urbano, como a pobreza, a falta de emprego, o desejo de lucro, as classes sociais, as relações do escritor com a sociedade, etc. Suas personagens eram típicas desse cenário: operários, lúmpens, proletários. Esta abordagem contribuiu para que o ambiente campestre e suas personagens comesçassem a perder espaço na literatura nacional argentina. Esse desvio fez com que *El juguete rabioso*³ (1926) fosse considerado o responsável pelo início da narrativa urbana na Argentina (KOLILKOWSKI, 2000) e os romances de Arlt, de modo geral, marcassem a entrada da literatura hispano-americana no romance urbano moderno (SHAW, 2002 apud JORDAN, 2007).

Em termos estilísticos, Arlt foi rejeitado inicialmente por causa da erudição que era predominante na literatura argentina (PINTO, 2018, p. 127) e da distância existente entre oralidade e escritura, que se acentuara devido ao contraste que havia entre a literatura gauchesca e a mescla linguística surgida com a onda migratória

2 Há controvérsias com respeito ao período de publicação desses contos no jornal e na revista em questão. Alguns pesquisadores consideram que foram publicados de 1936 a 1941 (GNUTZMANN, 2007; PINTO, 2018). Adotamos o período que consta no prólogo da edição de *El criador de gorilas* consultada para a tradução.

3 Foi traduzido para o português, editado e publicado no Brasil duas vezes. A primeira tradução foi feita por Maria Paula Gurgel Ribeiro, editada pela Iluminuras e publicada em 2013 com o título *O brinquedo rabioso*. A outra é de Davidson Oliveira Diniz, editada pela Relicário e publicada em 2014 com o título *A vida porca*.

que se dava na capital argentina (KULIKOWSKI, 2000, p. 105). As personagens das obras de Arlt eram inspiradas em membros de uma classe social que utilizava uma linguagem bastante coloquial para se comunicar. Por causa disso, sua literatura cedeu espaço a esse registro da língua, incorporando formas orais de expressão cada vez mais presentes nas ruas da capital portenha. Essas variedades linguísticas caracterizam-se pela mescla entre o espanhol e outras línguas de imigrantes (PINTO, 2018, p. 127), como era o caso do *cocoliche*⁴ e do *lunfardo*⁵. Com isso, Arlt se distanciou da linguagem culta encontrada em obras de autores que ocupavam o centro do sistema literário da época, como Jorge Luis Borges e Leopoldo Lugones.

Antes de seu reconhecimento a partir dos anos 1960, a crítica havia se concentrado nos romances do escritor. No que diz respeito aos contos de sua autoria, os que mais despertaram interesse foram os do livro *El jorobadito*⁶. Apesar da importância desse autor para a literatura argentina tanto em termos temáticos quanto formais, ainda há obras suas que permanecem um tanto desconhecidas, como o livro de contos *El criador de gorilas*. Os contos que o compõem até hoje não receberam muita atenção, apesar de possibilitarem conhecer uma nova fase do autor, quando o cenário de suas narrativas ficcionais ultrapassa as fronteiras argentinas, o que havia acontecido apenas em suas crônicas⁷.

A primeira tradução de uma obra de Arlt para o português brasileiro ocorreu em 1982 (BARRETO; COSTA, 2007, p. 35). Logo houve um vácuo de mais de uma década, tendo sido a segunda tradução publicada apenas em 1996. Nas duas primeiras décadas do século XXI, as traduções de suas narrativas se intensificaram. Apesar disso, há ainda uma parte importante do seu trabalho que não se encontra traduzida e publicada nesta língua, incluindo, ao que parece, “El cazador de orquí-

4 Era a “[...] fala de transição utilizada pelos imigrantes italianos que chegaram à Argentina no final do século XIX.” (GOBELLO; OLIVIERI, 2010, p. 31, tradução nossa).

5 É “[...] um repertório de vocábulos que o falante de Buenos Aires utiliza em oposição à língua comum. Não é uma língua especial, quer dizer, uma língua empregada apenas por grupos de indivíduos colocados em circunstâncias especiais. [...] não tem como característica principal a origem delinquente, mas sim sua procedência dos dialetos setentrionais da Itália.” (GOBELLO; OLIVIERI, 2010, p. 11, tradução nossa).

6 Foi traduzido para o português por Sérgio Molina, editado pela Iluminuras e publicado em 1996 com o título *As feras*. Apenas um dos contos do livro fonte – “El traje del fantasma” – ficou de fora dessa edição, mas logo foi traduzido por Maria Teresa Gurgel Ribeiro e incluído em *Viagem Terrível*, também da Iluminuras e publicado em 1999.

7 No livro *El crimen casi perfecto* (1994), há contos cujas histórias também se passam em outros países. Esses contos foram escritos e publicados em jornais argentinos na mesma época dos que estão reunidos no livro *El criador de gorilas*. A maioria deles foi traduzida para o português brasileiro por Sergio Faraco e publicada no Brasil em 1997 pela L&PM com o título *Armadilha Mortal*.

deas”. Pelo que podemos constatar, apenas um dos contos do livro *El criador de gorilas* – “Odio desde la otra vida”⁸ – foi traduzido para o português até o momento.

Essas narrativas escritas por Arlt com base em sua viagem pelos continentes africano e asiático mantiveram algumas das características daquelas que transcorriam em Buenos Aires. É o caso do uso do registro coloquial da língua, do narrador em primeira pessoa do singular, da animalização das personagens, das personagens marginais. Entretanto, integraram também outros elementos até então ausentes em sua obra. O contexto mudou; as histórias se passam agora em Marrocos, Sri Lanka, Indonésia e Madagascar. Surgem outros temas que haviam aparecido em sua narrativa ficcional apenas pontualmente ou que ainda não haviam sido explorados – como as ciências ocultas, a espionagem internacional e o tráfico internacional, que estão presentes em vários contos do livro.

A coloquialidade é mantida, mas dentro de outra estrutura narrativa, que busca justamente reproduzir o ritmo e a linguagem das histórias orais. Em *El criador de gorilas*, Arlt se aproxima da literatura de aventura (GNUTZMANN, 2007; SWINBURN, 2008) e dos contos populares (SWINBURN, 2008). Com isso, recupera formas de narração esquecidas naquela época e que tinham como referências, entre outros, *As mil e uma noites*, *Decamerão* e *Os contos de Cantuária* (ARLT, M., 1969).

Diferentemente do que havia feito em suas narrativas anteriores, Arlt não explicitou, nestes contos, o diálogo com o cânone literário. Apesar disso, é possível perceber as intertextualidades colocando suas obras em relação umas com as outras. Arlt mencionou, em muitos textos, referências que serviram de base para a elaboração de um estilo próprio, a fim de dissipar mal-entendidos sobre seu suposto desconhecimento a respeito da tradição literária. Apesar das dificuldades financeiras que não lhe permitiram ter uma biblioteca abastada como a dos escritores renomados da época (KOLIKOWSKI, 2000), um estudo sobre as *Aguafuertes porteñas*⁹ (1933), desenvolvido por Daniel C. Scroggins (1981 apud GNUTZMANN, 2007), demonstrou que Arlt foi um leitor voraz.

Gnutzmann (2007) analisa os contos que integram *El criador de gorilas* à luz das leituras feitas pelo autor, buscando indícios delas em menções de obras que aparecem em romances, contos e crônicas escritos por Arlt anteriormente.

8 Foi traduzido por Fabio Bortolazzo Pinto (2018) e publicado, no Brasil, com o título “Ódio de outra vida”.

9 Traduzido para o português por Maria Paula Gurgel Ribeiro e publicado no Brasil em 2013 com o título *Águas-fortes portenhas seguidas de águas-fortes cariocas*. Esta edição, da Iluminuras, inclui ainda a tradução *Águafuertes cariocas*, feita também por Maria Paula Gurgel Ribeiro.

Aparecem, por exemplo, referências diretas aos franceses Júlio Verne e Pierre Alexis Ponson du Terrail, bem como ao italiano Emilio Salgari (GNUTZMANN, 2007). Tomado como escritor da vida nas colônias (GNUTZMANN, 2007), o britânico Rudyard Kipling, que nasceu na Índia quando esta era colônia inglesa, também é constantemente mencionado nas narrativas de Arlt. São citados ainda, pelo autor argentino, o britânico Thomas Edward Lawrence e o venezuelano Rafael de Nogales Méndez, importantes referências literárias sobre o mundo árabe (GNUTZMANN, 2007).

A constatação dessas intertextualidades coloca em evidência a relação que o autor argentino mantinha com a tradição literária internacional. Em *El criador de gorilas*, é possível notar uma adequação da linguagem de Arlt a modelos literários já consagrados, modelos esses que coincidem com as intertextualidades mencionadas. De acordo com Swinburn (2008, s.p., tradução nossa),

Pode-se inferir desta escolha de Arlt que, impossibilitado de apreender essa nova realidade, essa Outra realidade, a partir das estratégias narrativas desenvolvidas em sua obra anterior, o autor aposta em modelos discursivos tradicionais e, mais especificamente, em um gênero que teve, precisamente, sua origem no mundo árabe [...]. Para dar conta do Outro, recorre a formas literárias próprias desse Outro, que permitem que Arlt supere as barreiras impostas pela alteridade radical do meio africano.

Embora esses modelos mantenham aproximação com o mundo árabe, a maioria das referências são escritas por ocidentais. Isso faz com que os narradores dos contos de *El criador de gorilas* assumam uma visão estereotipada do oriente, refletindo a dificuldade que, em certa medida, o próprio autor parecia ter ante a cultura oriental. Quando o cenário de suas histórias era a Argentina, Arlt explorava um mundo do qual também fazia parte. A linguagem e as personagens de suas narrativas falavam dos outros ao mesmo tempo em que falavam dele mesmo – que pertencia àquela massa de migrantes que “corrompia” o espanhol e transformava a noção de identidade nacional. Há uma mudança significativa em *El criador de gorilas*: o autor parece integrar-se a uma visão de mundo mais “universal” (ocidentalizada).

Com isso, Arlt passa a respeitar mais as convenções do gênero, como destacou Swinburn (2008) – o que faz com que as características locais da linguagem percam espaço e a estrutura narrativa se torne mais linear, confirmando as expectativas do leitor até certo ponto da história, e o desenlace tenda a ser surpreendente.

Essas convenções são percebidas em “El cazador de orquídeas”, cuja história é narrada no passado por Tony e guiada por seu intento de demonstrar as razões pelas quais as orquídeas lhe causam tanta repugnância no presente. Nas primeiras linhas, Tony narra sua chegada a Madagascar e anuncia o encontro casual que vai se produzir, em seguida, entre ele e seu primo Guillermo Emilio, protagonista do conto, que se dedica à caça de orquídeas. Na sequência, Tony apresenta Guillermo ao leitor, explicando sua relação com as orquídeas, e narra a situação em que se deu o inesperado encontro que quebrou as expectativas que Tony tinha para a viagem. Em busca de turismo e prazer, o narrador acaba se envolvendo numa perigosa aventura. Tudo começa quando Guillermo lhe conta que soube da existência de uma rara e valiosa flor – a orquídea negra – que foi descoberta por Agib, um menino caolho, cujo tio o considerava “[...] *sabio y virtuoso como el ojo de Alá* [...]” / “[...] sábio e virtuoso como o olho de Alá [...]” (ARLT, 1969, p. 151 / tradução completa ao final deste trabalho). A criança conta que não pegou a orquídea porque ouviu dizer que uma cobra muito venenosa se escondia no tronco no qual a flor nasce. Mas Guillermo acha que não passam de superstições de Agib e confessa seus planos: “*Contrataré a dos indígenas, cargaremos el tronco en una angarilla y traeremos la orquídea hasta aquí.*” / “Vou contratar dois indígenas, e aí vamos colocar a orquídea numa padiola e trazer ela pra cá.” (ARLT, 1969, p. 151 / tradução completa ao final deste trabalho). Diante da determinação de Guillermo, Taman, tio do menino, adverte: “*Este precioso niño no se equivoca nunca. Le aconseja un djim.*” / “Este menino precioso jamais se engana. É aconselhado por um djim.” (ARLT, 1969, p. 152 / tradução completa ao final deste trabalho).

Apesar da advertência, Taman aluga seu sobrinho aos ocidentais, que partem em busca da flor acompanhados do menino e de mais dois malgaxes. Quando a encontram, os orientais ficam encarregados de extraí-la, enquanto os ocidentais se ocupam de outras tarefas. Não demora muito para sabermos que Agib tinha razão: há uma serpente debaixo do tronco da orquídea e é ela que o leva à morte. Tomados pela ganância, Guillermo Emilio e Tony pensam apenas no dinheiro que podem arrecadar com a flor e não se importam com o falecimento da criança. Quando reencontram Taman, este já está a par do ocorrido e obriga Guillermo a comer a orquídea. Eis o resultado: Guillermo fica doente e impossibilitado de sair da ilha onde foi obrigado a comer sua fortuna.

Como em outros contos desse livro, há um castigo, uma espécie de julgamento das ações de algumas personagens. Esse julgamento é realizado por Taman, que é quem obriga o protagonista a cumprir as consequências de seus atos. A forma como isso ocorre é surpreendente, garantindo a estrutura narrativa

característica da tradição literária com que o conto mantém intertextualidade. O “juiz”, como os demais orientais, vive uma realidade que não é compreendida nem aceita pelas personagens ocidentais, que tentam impor a eles sua própria lógica. Entre os elementos dessa realidade incompreendida, estão as ciências ocultas, que aparecem nas informações que Agib tem sobre a “flor-serpente”. O prognóstico pouco realista do menino se concretiza apesar da impossibilidade manifestada por Guillermo quando afirma que o cheiro das orquídeas repele as cobras.

Há um contraste entre a visão de mundo ocidental e a visão de mundo oriental que permeia a linguagem empregada e que se realiza em certa medida nos efeitos de oralidade no conto. É a partir desses efeitos que vamos comentar a tradução de “El cazador de orquídeas”.

Questões de tradução: marcas de oralidade

Traduzir é, para nós, reescrever; no caso, reescrever em português para leitores brasileiros contemporâneos um conto originalmente escrito em espanhol para leitores argentinos da década de 1930. Parece-nos que tomar o processo tradutório como uma operação de reescrita permite que as questões que pretendemos discutir se apresentem de modo mais consciente. Reescrever é, para Bassnett & Lefevere (2007, p. 11), “[...] manipular a literatura para que ela funcione dentro de uma sociedade determinada e de uma forma determinada”. A reescrita está sempre em relação com correntes ideológicas ou poetológicas dominantes em determinada época (LEFEVERE, 2007, p. 23).

Tomamos a tradução como um fenômeno que integra um movimento intercultural de bens mais abrangente – o que, segundo Pym (2010), possibilita superar eventuais simplificações na discussão do assunto, que podem ocorrer, por exemplo, na abordagem dicotômica “domesticação vs. estrangeirização”. Essa postura é relevante para este trabalho porque nele nos propomos a discutir que “[...] na prática, o que sempre fazemos é [...] adotar posições intermediárias entre os dois extremos” (BRITTO, 2012, p. 62).

De acordo com Britto (2012), há uma série de fatores que determinam o grau de estrangeirização e domesticação adotado por um tradutor, dos quais ele destaca três, que foram considerados para tomar decisões tradutórias: o grau de prestígio do autor a ser traduzido; o público-alvo da tradução; e o meio de divulgação do texto-meta.

Britto (2012) argumenta que, quanto mais prestigiado é o autor, maior costuma ser a tendência à estrangeirização:

O reconhecimento crítico da excelência de um determinado escritor implica sempre a valorização de seu estilo, das peculiaridades de sua linguagem que o singularizam. Isso fará com que o tradutor se esmere na tarefa de reproduzir na língua-meta as características do estilo original, e fatalmente o levará a aproximar-se mais da língua-fonte (BRITTO, 2012, p. 64).

O caso de Arlt parece intermediário. Ele não pertence ao grupo de escritores argentinos mais conhecidos dos brasileiros – como acontece com Jorge Luis Borges e Julio Cortázar (BARRETTO; COSTA, 2007). Entretanto, “[...] o número de traduções disponíveis no mercado parece indicar uma intensificação da presença de sua obra [...]” no Brasil (BARRETTO; COSTA, 2007, p. 35).

A valorização das suas narrativas é recente e sua tradução tardia talvez seja compreensível devido ao tom coloquial delas, visto que a literatura brasileira demorou para incorporar esse registro da língua, mesmo em diálogos, tal como aponta Britto (2012, p. 82-83). Durante o desenvolvimento deste trabalho, notamos que as traduções que já existem das obras de Arlt para o português brasileiro tendem à estrangeirização. É possível que isso se relacione com os leitores de Arlt no Brasil, que “[...] parecem se concentrar em dois setores: o dos jornalistas e o dos intelectuais interessados em literatura estrangeira não-massificada” (BARRETTO; COSTA, 2007, p. 38).

O projeto tradutório aqui referido (cujo resultado está apresentado ao final deste trabalho) orientou-se pelas considerações de Britto (2012, p. 54), que defende que os tradutores literários devem tanto buscar reproduzir, no texto-meta, toda a literariedade do texto original quanto ter consciência de que esse objetivo é inatingível. Para isso, Britto recomenda observar quais são as características mais importantes do texto, e quais delas são passíveis de serem recriadas.

No caso de “El cazador de orquídeas”, são características marcantes as construções sintáticas inusuais, a ironia, a animalização das personagens, as personagens estereotipadas e a coloquialidade. Nossos comentários vão concentrar-se nas marcas de oralidade do conto, observando, através delas, as diferenças de coloquialidade das personagens orientais e ocidentais. Nas obras de Arlt que tinham Buenos Aires como cenário, as marcas de oralidade baseavam-se na forma como imigrantes se expressavam nas ruas da capital argentina. Sendo assim, eram principalmente marcas lexicais criadas através da incorporação de *cocoliche* e *lunfardo* às narrativas. Em “El cazador de orquídeas”, a elaboração criativa da oralidade é de outra natureza, mais sutil e mais afim ao modelo literário adotado.

De acordo com Britto (2012, p. 92), existem marcas de oralidade fonéticas, lexicais e morfossintáticas. As primeiras não são muito comuns na tradição lite-

rária brasileira e, por isso, o teórico e tradutor aconselha que elas sejam utilizadas com cautela nas traduções para o português brasileiro. Ao apontar as marcas de oralidade fonéticas, Britto refere-se especificamente a formas reduzidas como “pra”, “né” e “tava”; para a discussão da tradução do texto arltiano, entretanto, propomos a ampliação da categoria para outras marcas que envolvem elementos de som, como determinados vícios de linguagem. A fim de refazer o estilo de Arlt, foram empregadas algumas marcas desse tipo no texto traduzido, destacando aspectos nos quais o autor destoava de seus contemporâneos. Na tradução de “El cazador de orquídeas”, estas marcas de oralidade estão em vícios de linguagem como hiatos, colisões e ecos – que, muitas vezes, se constituem através da repetição de palavras. A seguir, vemos dois exemplos destas marcas de oralidade fonéticas.

Mis proyectos eran variados. Uno consistía en marcharme a los arrozales de Ambohitrarimo, otro –y éste me seducía particularmente– en cruzar oblicuamente la isla partiendo de Tananarivo para el puerto de Majunga, y embarcarme allí para el archipiélago de las Comores. Ninguno de estos proyectos estaba determinado por la necesidad de los negocios, sino por el placer. De pronto escuché una gritería y vi a un viejo con casco de corcho que salió maldiciendo y riéndose a la puerta de su almacén, y al tiempo que maldecía y se reía, amenazaba con el puño la copa de un cocotero. Entonces, fijándome en donde señalaba el viejo, vi un mono con un gran cigarro encendido que le había robado. En el almacén ladero un chino, con un blusón azul que le llegaba a los talones y una gran coleta, miraba al mono, que fumaba haciéndole amenazadoras señales.

(ARLT, 1969, p. 149-150)

Meus planos eram variados. Um deles consistia em ir aos arrozais de Ambohitrarimo; outro – e este me seduzia particularmente –, em cruzar a ilha obliquamente, partindo de Antananarivo para o porto de Majunga, e ali embarcar para o arquipélago das Comores. Nenhum desses planos estava determinado pela necessidade dos negócios, mas sim pelo prazer. De repente, escutei uma gritaria e vi que um velho com capacete de cortiça saiu, xingando e rindo, de seu armazém, e, ao mesmo tempo em que xingava e ria, ameaçava com os punhos a copa de um coqueiro. Então, olhando para onde o velho apontava, vi um macaco com um grande charuto aceso que tinha roubado dele. No armazém ao lado, um chinês, de blusão azul que chegava até os pés e com um grande rabo de cavalo, olhava para o macaco, que fumava e fazia sinais ameaçadores.

(Tradução de Aline Almeida Duvoisin)

Nesta passagem, foi uma decisão conservar o eco gerado pelo uso dos advérbios “particularmente” e “obliquamente”, mesmo que ele possa ser desagradável para o leitor. Como é possível notar, tal eco já estava presente no texto-fonte, sendo também incômodo nele. De acordo com a fortuna crítica e com estudos realizados por outros tradutores de Arlt, seus textos eram marcados por elementos sonoros considerados desagradáveis do ponto de vista da escrita padrão, visando a

um efeito de oralidade. Para manter essa característica, a estrutura sintática desse mesmo trecho foi modificada no texto traduzido, tendo o advérbio “obliquamente” sido transferido para depois do substantivo “ilha”. Essa escolha procurou evitar o posicionamento do advérbio entre vírgulas, o que interromperia o ritmo.

Além do eco, notamos que na mesma passagem do texto-fonte há colisão decorrente da repetição sucessiva de consoantes iguais ou idênticas. É o caso da consoante “c” neste período: “*De pronto escuché una gritería y vi a un viejo con casco de corcho que salió maldiciendo y riéndose a la puerta de su almacén, y al tiempo que maldecía y se reía, amenazaba con el puño la copa de un coqueiro*” / “De repente, escutei uma gritaria e vi que um velho com capacete de cortiça saiu, xingando e rindo, de seu armazém, e, ao mesmo tempo em que xingava e ria, ameaçava com os punhos a copa de um coqueiro” (ARLT, 1969, p. 150 / tradução completa ao final deste trabalho). Algo semelhante ocorre com as consoantes “n” e “ñ” em: “*Entonces, fijándome en donde señalaba el viejo, vi un mono con un gran cigarro encendido que le había robado*” / “Então, olhando para onde o velho apontava, vi um macaco com um grande charuto aceso que tinha roubado dele” (ARLT, 1969, p. 150 / tradução completa ao final deste trabalho). Tais recursos são empregados por Arlt ao longo do conto. Por isso, esses vícios de linguagem foram recriados no texto-meta em todos os casos em que as unidades lexicais e estruturas frasais encontradas possibilitaram tal recriação sem comprometer o sentido do texto-fonte e as características da língua portuguesa.

Como exemplo de marcas lexicais de oralidade, Britto (2012, p. 93-94) cita as gírias e os coloquialismos. Elas são levadas em conta aqui porque, embora “El cazador de orquídeas” praticamente não empregue marcas desse tipo, o costume de Arlt de utilizar *lunfardo* e *cocoliche* nos seus textos anteriores parece ter escapado em um ou outro momento nesse conto. Como as gírias tendem a ser efêmeras, Britto (2012, p. 94) recomenda traduzi-las por coloquialismos estabelecidos para não datar o texto-meta. Embora haja palavras do *lunfardo* que eram usuais nos anos 1930 e seguem sendo empregadas até o momento, não parece ser o caso de “mota”, que lemos no trecho reproduzido a seguir.

Estaba, como digo, de pie, abriendo los ojos frente al palacio y rodeado de un grupo de cobrizas chiquillas, con motas trenzadas y desparramadas, como los flecos de una alfombra, sobre su frente de chocolate.

(ARLT, 1969, p. 149)

Estava, como dizia, de pé, arregalando os olhos na frente do palácio, cercado por um grupo de meninas de pele acobreada, com carapinhas trançadas e esparramadas, como as franjas de um tapete, sobre suas testas de chocolate.

(Tradução de Aline Almeida Duvoisin)

José Gobello & Marcelo H. Olivieri (2010, p. 131, tradução nossa) definem “mota”, no livro *Lunfardo: Curso Básico e Dicionário*, da seguinte maneira: “Madeixa, cada uma das mechas dos cabelos frisados dos negros”¹⁰. Pesquisas realizadas na Internet e consultas a hispanofalantes nativos mostraram que essa palavra é usada também para tranças rastafári ou *dreadlocks* e, ainda, para designar genericamente cabelo afro. Caso a opção para “mota” no texto-meta fosse “*dreadlocks*”, “rastas” ou “tranças rastafári”, seria necessário omitir *trenzadas* para evitar a redundância, pois as palavras cogitadas já trazem consigo a ideia de que são trançadas. Com isso, a frase perderia a sonoridade decorrente do emprego contíguo de *trenzadas* e *desparramadas*. Da troca de ideias com alguns tradutores que trabalham com o par espanhol-português, sobreveio a possibilidade de traduzir a palavra “mota” por “pixaim” ou “carapinha”. Esta foi a opção adotada porque já teve uma variante – “encarapinhada” – empregada anteriormente na tradução do conto “Un argentino entre los gangsters”, publicado com o título “Um argentino entre gângsteres” no livro *Armadilha mortal* (1997). Esse é um exemplo de tradução de uma gíria – no caso, um *lunfardo* – por uma unidade lexical menos efêmera.

Passemos às marcas morfossintáticas de oralidade, as mais utilizadas na tradução em discussão. Britto (2012, p. 95-106) cita 12 tipos de marcas morfossintáticas: sistema de tempo, modo e aspecto; sistema de pessoa-número e formas de tratamento; uso do pronome reto na posição de objeto; uso redundante de pronome sujeito; próclise em vez de ênclise; uso de artigo definido antes de nome próprio; uso do nome singular sem artigo em referência genérica; uso do singular para se referir a um par; dupla negativa; uso de “que” após pronome interrogativo e conjunção integrante; uso não canônico de preposições; e palavras e expressões gramaticais restritas à fala.

Vejamos alguns exemplos de escolhas tradutórias para marcas morfossintáticas de oralidade que se relacionam com o sistema de tempo, modo e aspecto. Foi utilizado o futuro do presente composto no texto-meta na maioria dos casos em que Arlt empregou o *futuro imperfecto* no texto-fonte. Como o futuro do presente simples praticamente não é empregado na fala dos brasileiros, usá-lo na tradução deste conto implicaria em um distanciamento de seu tom oral. O futuro do presente simples foi empregado apenas em casos bem específicos que vamos

10 Através de alguns amigos argentinos, soubemos que a palavra “mota”, hoje em desuso, era usada de forma preconceituosa durante um período na Argentina. Segundo Perera San Martín (1980, p. 92), citado por Pinto (2018, p. 128), os contos de *El criador de gorilas* expressam “el racismo, el colonialismo occidental, la avaricia de las clases pudientes, y todo ello bajo la capa de un inocente ‘color local’ africano”.

detalhar mais adiante. A primeira frase da passagem transcrita a seguir exemplifica essa escolha tradutória.

–Te diré, señor. He oído decir en ese paraje que en el tronco mismo de la orquídea se oculta una venenosísima serpiente negra...

(ARLT, 1969, p. 151)

– Vou dizer pro senhor. Dizem, nessa região, que o tronco dessa orquídea abriga uma cobra preta venenosíssima...

(Tradução de Aline Almeida Duvoisin)

Na tradução de “Te diré, señor” por “Vou dizer pro senhor”, foram evitados ainda problemas de colocação pronominal. Por isso, foi eliminado o pronome oblíquo nesse mesmo trecho, sendo que o aposto “señor” foi colocado em posição de objeto direto no texto-meta – o que foi feito através do uso da contração “pro”, que ajuda a marcar a oralidade.

Na passagem a seguir, vemos que Arlt usou o presente para referir-se a uma ação que está acontecendo no exato momento em que a personagem fala:

–¿Y qué piensas hacer tú? –intervine yo, que a mi pesar comenzaba a sentirme interesado en la aventura.

(ARLT, 1969, p. 151)

– E o que você está pensando em fazer? – intervim eu, que, a contragosto, começava a me sentir interessado pela aventura.

(Tradução de Aline Almeida Duvoisin)

Embora seja gramaticalmente correto usar o presente em frases como essa em português, ele dificilmente aparece na fala dos brasileiros em casos semelhantes ao trecho em questão. Aqui, foi decidido empregar, no texto-meta, o verbo “estar” seguido de gerúndio por ser uma marca morfossintática de oralidade. O tom oral do conto é mantido pela explicitação redundante do pronome sujeito “você”.

Outra marca morfossintática de oralidade utilizada na tradução foi o sistema de pessoa-número e formas de tratamento. O diálogo transcrito a seguir traz exemplos de decisões tradutórias relacionadas a ela. De forma geral, foi decidido usar, ao longo de todo o texto-meta, o pronome pessoal “você”. Quando necessário destacar a formalidade presente em algum trecho, empregou-se “senhor”. Como é relativamente comum a mistura entre “tu” e “você” na língua portuguesa falada no Brasil, a tradução recorreu ao pronome pessoal “tu”, ao pronome oblíquo “te” e a conjugações em segunda pessoa do singular em alguns casos específicos. Vejamos alguns deles na seguinte passagem:

TAMAN: Convenimos tú y yo en que no le pegarás al niño con el puño ni con un bastón.

GUILLERMO: Únicamente le pegaré cuando haga falta.

TAMAN: Pero ni con el puño ni con un bastón.

GUILLERMO: Pero sí podré utilizar una vara flexible.

TAMAN: Sí; podrás. Le darás además de comer suficientemente.

GUILLERMO: Sí.

TAMAN: Le dejarás dormir donde quiera, sin forzar su voluntad.

GUILLERMO: Sí; menos cuando esté de guardia.

TAMAN: No serás con él cruel ni autoritario.

GUILLERMO (*impaciente*): ¡No pretenderás que le trate como si fuera mi esposa preferida!

(ARLT, 1969, p. 152)

Taman: Combinamos que não baterás no menino nem com os punhos nem com um porrete.

Guillermo: Só vou bater nele quando for necessário.

Taman: Desde que não seja com os punhos ou com um porrete.

Guillermo: Mas vou poder usar uma vara flexível.

Taman: Sim, poderás. Além disso, darás a ele comida suficiente.

Guillermo: Sim.

Taman: Deixarás que ele durma onde quiser, sem contrariar sua vontade.

Guillermo: Sim, exceto quando ele estiver de guarda.

Taman: Não serás cruel nem autoritário com ele.

Guillermo (*impaciente*): Não espere que eu trate ele como se fosse minha esposa preferida!

(Tradução de Aline Almeida Duvoisin)

No diálogo do texto-fonte, Taman e Guillermo se tuteiam. No texto-meta, foi empregado “você” na maior parte dos diálogos, independentemente da personagem que fala. Entretanto, na passagem acima, foi decidido manter as conjugações verbais na segunda pessoa do singular e no futuro do presente simples quando as falas são de Taman. Isso porque elas soam como mandamentos. Embora essa escolha acabe distanciando essa parte do diálogo da oralidade, fortalece a ideia de que Guillermo terminará sendo castigado por não ter levado a sério as palavras dos orientais. Além disso, acentua o contraste entre a maneira como ambas as personagens se expressam oralmente, destacando o tom sério e preocupado de Taman e o retorno impaciente do trambiqueiro Guillermo.

No final do conto, esse contraste entre estas personagens se mantém, mas pontualmente se inverte. Guillermo deixa, em alguns momentos, de ser insolente, o que se percebe no emprego da expressão *honorable hermano mío*, que exalta seu interlocutor. Já a informalidade de Taman atinge seu ápice. Isso se nota, principalmente, pelo emprego de xingamentos nas falas da personagem oriental – como *perro* e *perro maldito*. Nesse caso, a escolha tradutória foi no sentido de empregar o substantivo “seu”, característico da língua portuguesa falada, antes do insulto usado por Taman, a fim de marcar a oralidade e a informalidade do trecho.

–¡Perro maldito! ¡Cómete esa orquídea!

(ARLT, 1969, p. 158)

– Seu maldito canalha! Coma essa orquídea!

(Tradução de Aline Almeida Duvoisin)

Ainda no que se refere às marcas morfossintáticas de oralidade, a tradução recorreu ao uso do pronome reto na posição de objeto em alguns trechos dos diálogos do conto. É o que ocorre na passagem a seguir, que consiste em uma fala de Tony, narrador do conto, que tenta entender por que Agib, o menino caolho, não apanhou aquela tão rara orquídea quando a encontrou.

–¿Y por qué no la cazó él?

(ARLT, 1969, p. 151)

– E por que ele mesmo não pegou ela?

(Tradução de Aline Almeida Duvoisin)

Inicialmente, a alternativa de tradução para esse trecho havia sido a seguinte: “E por que ele não a pegou?”. Porém, essa escolha tirava a ênfase do pronome pessoal “ele”, enquanto, no texto-fonte, o *pronombre* “él” se encontra bastante destacado. Para manter essa ênfase, o adjetivo “mesmo” foi agregado à oração. Nesse caso, a tradução ficaria assim: “E por que ele mesmo não a pegou?”. Entretanto, parecia importante evitar empregar pronomes oblíquos átonos no texto-meta – especialmente nos diálogos – porque não costumam fazer parte da oralidade no português brasileiro, ainda mais em situações coloquiais. Quando isso não foi possível, preferiu-se a próclise à ênclise, salvo em alguns poucos casos durante os trechos de narração. Por isso, embora gramaticalmente incorreto de acordo com a língua padrão, a tradução empregou, no trecho citado acima, o pronome reto como objeto da oração, o que é constantemente feito pelos brasileiros na fala.

Essa mesma estratégia foi adotada na passagem transcrita a seguir:

– Honorable Taman: te presentaré a un primo mío, perteneciente a una muy noble familia de América.

(ARLT, 1969, p. 150)

– Honorável Taman, vou apresentar você a um primo meu, que pertence a uma família muito nobre da América.

(Tradução de Aline Almeida Duvoisin)

Para traduzir “te presentaré”, foram consideradas “vou lhe apresentar” e “vou te apresentar”. A primeira opção desprezaria a relação do texto com a oralidade, tornando o diálogo artificial. A segunda, levaria a uma mistura de pronomes de tratamento que poderia causar estranhamento em leitores mais apegados à norma culta da língua. Por isso, colocar o pronome reto na posição de objeto pareceu mais adequado, considerando as reflexões de Britto (2012).

Foi utilizado ainda na tradução “foi que” após advérbio interrogativo para marcar a oralidade do conto:

–¿Y dónde descubrió este prodigio?

(ARLT, 1969, p. 151)

– E onde foi que ele descobriu essa preciosidade?

(Tradução de Aline Almeida Duvoisin)

Aqui também foi explicitado, no texto-meta, o pronome sujeito com o intuito de deixar claro qual é o sujeito do verbo. Além de marcar a oralidade, esse recurso pretende evitar confusões entre “você” e “ele”, já que as conjugações verbais para ambos os pronomes é a mesma. No texto-fonte, tal problema era inexistente, visto que o autor empregou “tú” nos diálogos para referir-se ao interlocutor da personagem que fala.

Por fim, a repetição aparentemente desnecessária de palavras ou expressões também marca a oralidade deste conto. Essa repetição ocorre, por exemplo, na seguinte fala de Taman, que encerra o diálogo entre ele e Guillermo Emilio, cujo excerto foi transcrito de forma parcial anteriormente.

TAMAN: Bueno, bueno; te recomiendo a la alegría de mi vida, al hijo de mi hermana y a la preferencia de mis ojos.

(ARLT, 1969, p. 152)

Taman: Tá bom, tá bom; deixo sob sua responsabilidade a alegria da minha vida, o filho da minha irmã e a menina dos meus olhos.

(Tradução de Aline Almeida Duvoisin)

Neste caso, a interjeição “bueno, bueno” é um exemplo de marca de oralidade nessa parte do diálogo e, inclusive, assinala uma suavização do tom de mandamento que ele vinha adotando até então. Foi uma decisão tradutória recriar a repetição de palavras no texto-meta porque trata-se de uma característica da escrita arltiana.

O exemplo a seguir, por sua vez, também sugere certa intencionalidade na repetição de palavras na obra de Arlt.

Las aguas estaban bravías y azules, mientras que en el confín la línea de montañas de Madagascar parecía comunicarle al agua la frialdad de su sombra.

(ARLT, 1969, p. 147)

As águas estavam agitadas e azuis, enquanto o montanhoso horizonte de Madagascar ao longe parecia transmitir à água a frieza de sua sombra.

(Tradução de Aline Almeida Duvoisin)

Usar “água” ou “águas” em apenas uma de suas ocorrências e traduzir a outra por “mar” era uma alternativa possível: “O mar estava agitado e azul, enquanto o montanhoso horizonte de Madagascar ao longe parecia transmitir às águas a frieza de sua sombra”. Entretanto, a palavra *mar* poderia ter sido utilizada pelo autor no original. Se não foi, cremos haver alguma razão para tal. Por isso, mantivemos a maioria das repetições de palavras que há em “El cazador de orquídeas”, sobretudo quando parecem intencionais, como esta.

Considerações finais

Os comentários apresentados evidenciam decisões tradutórias que buscaram recriar, no texto-meta, efeitos de oralidade que dão tom coloquial ao conto. Essas escolhas consideraram tanto as diferenças entre a língua de partida e a língua de chegada quanto as características das personagens. Notamos que as marcas fonéticas construídas com base em vícios de linguagem aparecem principalmente na narração – ou seja, na voz de Tony – e compõem o ritmo e a sonoridade próprios do texto. Já as marcas morfossintáticas mostram diferenças de coloquialidade, nos diálogos, entre as falas de Guillermo, Taman e Agib. Guillermo adota um tom insolente em relação às palavras dos dois orientais. O tom das falas de Taman é, inicialmente, de advertência; logo, praticamente recita mandamentos; por fim, sua informalidade chega ao ápice quando ele obriga Guillermo a comer a orquídea, numa atitude que parece ser, ao mesmo tempo, de vingança e de julgamento das ações do protagonista.

As diferenças de coloquialidade entre as personagens que se manifestam nas marcas de oralidade do conto foram acentuadas no texto-meta em função de particularidades da língua portuguesa. Algumas questões sintáticas específicas indicam uma distância menor entre o registro falado e o registro escrito da língua em espanhol do que em português. Isso pode ser percebido, por exemplo, no emprego dos *pronombres de complemento* e na ausência de mescla entre *pronombres personales sujetos* e suas respectivas conjugações verbais na fala dos argentinos. O uso do *futuro imperfecto* na fala dos hispanofalantes também aponta isso. Embora esta forma seja menos frequente na Argentina, onde é mais comum o emprego do *futuro verbal perifrástico*, não é tão raro na fala dos argentinos quanto o futuro do presente é na fala dos brasileiros.

É certo que, na época em que Arlt escreveu suas obras, havia um distanciamento entre a língua espanhola predominante nas obras literárias e a língua espanhola falada nas ruas de Buenos Aires, como mencionamos no início deste artigo. Esse distanciamento se produziu a partir da chegada de imigrantes, principalmente italianos, à Argentina durante as primeiras décadas do século XX. As narrativas de Arlt acompanharam as modificações linguísticas que se deram na sociedade, incorporando-as ao âmbito literário, o que causou estranhamento na época, mas com o tempo colocou sua obra numa posição de destaque. Com o modernismo literário na Argentina, do qual Arlt é hoje considerado um dos precursores, esse estranhamento foi se perdendo.

Diferentemente dos contos anteriores de Arlt, nos quais as marcas de oralidade do espanhol portenho são evidentes, parece haver certa “neutralização” da língua em “El cazador de orquídeas”. Essa mudança não desencadeou uma artificialidade, pois o modelo narrativo adotado se inspira em histórias orais e os diálogos utilizam uma estrutura que é comum tanto no registro falado quanto no registro escrito da língua espanhola. Essa “neutralização” parece estar numa zona de difícil tradução, tornando exigente a tarefa de recriá-la na língua de chegada sem que o texto se torne artificial. Para evitar essa artificialidade, foi experimentada a estratégia de naturalizar os diálogos, aproximando o texto do registro falado do português brasileiro por meio do emprego de marcas de oralidade que são utilizadas no Brasil com um todo, evitando regionalismos. Essa decisão tradutória levou a certa intensificação das marcas morfossintáticas de oralidade no texto-meta, quando o comparamos com o texto-fonte.

Esta decisão também leva em conta que a atitude dos escritores brasileiros da época (por volta da década de 1930, no caso) em relação ao registro da língua portuguesa empregado nos textos literários parece diferir da atitude de Arlt.

Lembremos que Britto (2012) constatou certa artificialidade, principalmente nos diálogos, destacando o teatro de Nelson Rodrigues como exceção, visto que nele havia certa proximidade entre registro oral e registro escrito da língua portuguesa.

Nesse sentido, a tradução aqui discutida adotou uma posição intermediária entre a domesticação e a estrangeirização. Ela não pretende adequar-se a uma corrente literária dominante nos anos 1930, época na qual Arlt escreveu seus textos, nem a uma tendência da literatura brasileira contemporânea, mas tenta aproximar o texto-meta da relação entre os registros oral e escrito da língua de chegada, a fim de evitar uma artificialidade da qual o texto-fonte estava desprovido.

Referências bibliográficas

- ARLT, Roberto. *Armadilha mortal*. Tradução de Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- _____. *A vida porca*. Tradução de Davidson Diniz. Belo Horizonte: Relicário, 2014.
- _____. *El criador de gorilas*. Buenos Aires: Compañía General Fabril, 1969.
- _____. *O brinquedo raioso*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2013.
- _____. Ódio de outra vida. Tradução de Fabio Bortolazzo Pinto. *Cadernos de tradução*, Porto Alegre, n. 42, p. 127-135, 2018.
- BARRETTO, Eleonora Frenkel; COSTA, Walter Carlos. Roberto Arlt, do *arrabal porteño* à academia brasileira. *Fragmentos*, Florianópolis, n. 32, p. 33-38, jan./jun. 2007.
- BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. Prefácio geral dos organizadores. In: LEVEFERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Cláudia Matos Seligmann. Bauru: Edusp, 2007.
- BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- GNUTZMANN, Rita. Los cuentos marroquíes de El criador de gorilas. *Fragmentos*, Florianópolis, n. 32, p. 91-99, jan./jun. 2007.
- GOBELLO, José; OLIVIERI, Marcelo H. *Lunfardo: curso básico y diccionario*. Buenos Aires: Libertador, 2010.
- JORDAN, Paul. Roberto Arlt y los años sesenta: crítica y recepción. *Fragmentos*, Florianópolis, n. 32, p. 23-32, jan./jun. 2007.
- KULIKOWSKI, María Zulma M. Roberto Arlt: a experiência radical da escritura. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 47, p. 105-128, set./nov. 2000.
- LEVEFERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Cláudia Matos Seligmann. Bauru: Edusp, 2007.
- PINTO, Fabio Bortolazzo. Prólogo. In: ARLT, Roberto. Ódio de outra vida. *Cadernos de tradução*, Porto Alegre, n. 42, p. 127-135, 2018.

PYM, Anthony. *Translation and Text Transfer*. An Essay on the Principles of Intercultural Communication. Tarragona: Intercultural Studies Group, 2010.

RIBEIRO, Maria Paula Gurgel. Prólogo. In: ARLT, Roberto. *Viagem terrível*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SWINBURN, Pedro Maino. El criador de gorilas de Roberto Arlt: La renuncia a la otredad. *Espéculo*, Revista de Estudios Literarios, Madrid, n. 39, 2008.

“O caçador de orquídeas”, de Roberto Arlt

Tradução de Aline Almeida Duvoisin

Djamil entrou no meu camarote e me disse:

— Senhor, as primeiras montanhas já estão aparecendo.

Deixei apressadamente minha clausura e fui apoiar os cotovelos na borda. As águas estavam agitadas e azuis, enquanto o montanhoso horizonte de Madagascar parecia transmitir à água a frieza de sua sombra. Mal podia imaginar que dois dias depois ia me encontrar com meu primo Guillermo Emilio em Antananarivo e que, desse encontro, nasceria em mim uma repugnância que me faz tremer cada vez que ouço falar de orquídeas.

De fato, duvido que exista no reino vegetal um monstro tão belo e repelente quanto essa flor histórica, além de caprichosa, capaz de assumir a forma de um trapo velho, permanecer morta durante meses e meses no fundo de uma caixa até que um dia, repentinamente, acorda, se espreguiça e começa a florescer, vestindo-se das cores mais vivas.

Eu desconhecia todas as particularidades dessa flor até dar de cara com Guillermo Emilio em Madagascar.

Acho que já disse que Guillermo Emilio era caçador de orquídeas. Durante muito tempo se dedicou a esse tipo de caça no Sul do Brasil; mas depois de ter sido extraditado por não sei bem que crime de estelionato, do nada seguiu por diversos caminhos tortuosos e se mudou para a Colômbia. Na Colômbia, fez parte de uma expedição inglesa que, no intervalo de poucos meses, capturou dois mil exemplares de orquídeas nas arborizadas montanhas de Nova Granada. A expedição havia sido caríssima e, quando os ingleses chegaram a Bogotá, dos dois mil exemplares estavam vivos apenas dois. O resto, diabólicamente, havia murchado, e o financiador do projeto, um engraxate enriquecido, ficou louco de raiva.

Completamente empobrecido e, ainda por cima, procurado pela polícia, Guillermo Emilio migrou para o México, onde diz ter sido o responsável pela descoberta da espécie que conhecemos como Flor-de-Hércules. Sei que teve problemas com um nativo – os mexicanos são gente violenta – e por isso desapareceu do México com a mesma rapidez com que tinha saído de Rio Grande, depois de Natal, logo de Bogotá e, finalmente, de Tampico. Más-línguas diziam que meu primo Guillermo Emilio combinava o roubo com a caça, e eu não vou dizer nem que sim nem que não, pois as Sagradas Escrituras são bem claras: “Não julgueis para que não sejais julgados”.

Era um homem alto como um poste, de pernas longas, braços longos, cara longa e fina, e tinha alegria para dar e vender. Quase sempre vestia um terno cáqui, polainas e

capacete de explorador e carregava um caderno debaixo do braço. Neste caderno, colava recortes de jornais provincianos, nos quais se via ele acompanhado de uma planta de orquídea e de um grupo de indígenas sorridentes. Tal publicidade lhe permitiu roubar em muitos lugares.

Foi com este gênio que me encontrei numa manhã de agosto em Antananarivo, quando arregalava os olhos feito bobo diante do exagerado palácio que havia sido ocupado pela ex-rainha indígena Ranavalona. Este palácio foi construído por um aventureiro francês que apareceu em Madagascar quando fugia de seus cruéis devedores e sobre o qual me contaram coisas extraordinárias; mas deixemos essas histórias para outro dia.

Estava, como dizia, de pé, arregalando os olhos na frente do palácio, cercado por um grupo de meninas de pele acobreada, com carapinhas trançadas e esparramadas, como as franjas de um tapete, sobre suas testas de chocolate. Havia momentos em que olhava o palácio da pobre Ranavalona e, quando lhe dava as costas, esbarrava numa multidão de robustos malgaxes, que, com cestos de cana sobre a cabeça, passavam em direção ao mercado transportando banana. Também passavam, rangendo, carroças puxadas por pequenos zebus, privados de suas colas por uma infecção da qual é possível salvar o boi sacrificando seu rabo. Eu sabia uma piada muito divertida sobre o boi e seu rabo, mas agora não me lembro dela. Prossigamos.

Meus planos eram variados. Um deles consistia em ir aos arrozais de Ambohidratrimo; outro – e este me seduzia particularmente –, em cruzar a ilha obliquamente, partindo de Antananarivo para o porto de Majunga, e ali embarcar para o arquipélago de Comores. Nenhum desses planos estava determinado pela necessidade dos negócios, mas sim pelo prazer. De repente, escutei uma gritaria e vi que um velho com capacete de cortiça saiu, xingando e rindo, de seu armazém, e, ao mesmo tempo em que xingava e ria, ameaçava com os punhos a copa de um coqueiro. Então, olhando para onde o velho apontava, vi um macaco com um grande charuto aceso que tinha roubado dele. No armazém ao lado, um chinês, de blusão azul que chegava até os pés e com um grande rabo de cavalo, olhava para o macaco, que fumava e fazia sinais ameaçadores.

– Tony! Você por aqui, Tony!

Quem diabos me chamava?

Eu me virei e ali, para meu azar, estava o primo Guillermo, com seu terno cáqui e o caderno debaixo do braço. Enquanto trocávamos as primeiras palavras, eu pensava em trancar minha carteira com um cadeado. Porém, eu me deixei levar, e Guillermo, agarrando meu braço, exclamou em voz alta, tão alta que acho que o chinês do “fondak” defronte pôde escutá-lo:

– Nunca entre no restaurante de um chinês. É um mistério o que ele vai dar para você comer.

Assim que meu primo terminou de proferir essas palavras, uma cortina de miçangas se abriu e, corpulento, com uma barba espalhada sobre o peito e um turbante de diâmetro razoável, como o de uma pedra de moinho, apareceu Taman. Arrastando suas

babuchas amarelas no piso de madeira, ele se aproximou de nossa mesa e Guillermo Emilio lhe disse:

– Honorável Taman, vou apresentar você a um primo meu, que pertence a uma família muito nobre da América.

Taman me cumprimentou à moda oriental; logo apertou minha mão de forma tão enérgica que me perguntei se não havia caído numa emboscada. Logo, um menino caolho, com uma jelaba sobre os ombros e um fez vermelho, colocou três copos de café sobre a mesa, e o primo Guillermo apresentou ele para mim:

– É sábio e virtuoso como o olho de Alá.

O pequeno caolho me cumprimentou do mesmo modo que seu amo, e o primo Guillermo continuou:

– Em você eu posso confiar – olhou cautelosamente ao redor. – Este menino prodigioso, chamado Agib, descobriu a orquídea negra. Diz ele que, de uma ponta a outra, a flor mede cerca de quarenta centímetros.

– E onde foi que ele descobriu essa preciosidade?

– Para você eu posso contar. Foi a oeste do lago Itasy, no sopé do Antananarivo.

– E por que ele mesmo não pegou ela?

O caolho, cujo tio Taman achava sábio e virtuoso como o olho de Alá, me respondeu:

– Vou dizer pro senhor. Dizem, nessa região, que o tronco dessa orquídea abriga uma cobra preta venenosíssima...

O primo Guillermo resmungou:

– Superstições! Por acaso você não sabe que o perfume das orquídeas espanta as cobras?

– E o que você está pensando em fazer? – intervim eu, que, a contragosto, começava a me sentir interessado pela aventura.

– Vou contratar dois indígenas, e aí vamos colocar a orquídea numa padiola e trazer ela pra cá.

Taman, dono daquele cubículo, que bebia seu café silenciosamente, pôs fim ao diálogo com estas palavras, enquanto acariciava a nuca de seu sobrinho:

– Este menino precioso jamais se engana. É aconselhado por um djim.

Finalmente, depois de muitas conferências, tratativas e controvérsias, como é comum no Oriente, Taman alugou seu sobrinho a meu primo Guillermo Emilio com as seguintes condições, cuja detalhada enumeração testemunhei:

Taman: Combinamos que não baterás no menino nem com os punhos nem com um porrete.

Guillermo: Só vou bater nele quando for necessário.

Taman: Desde que não seja com os punhos ou com um porrete.

Guillermo: Mas vou poder usar uma vara flexível.

Taman: Sim, poderás. Além disso, darás a ele comida suficiente.

Guillermo: Sim.

Taman: Deixarás que ele durma onde quiser, sem contrariar sua vontade.

Guillermo: Sim, exceto quando ele estiver de guarda.

Taman: Não serás cruel nem autoritário com ele.

Guillermo (impaciente): Não espere que eu trate ele como se fosse minha esposa preferida!

Taman: Tá bom, tá bom; deixo sob sua responsabilidade a alegria da minha vida, o filho da minha irmã e a menina dos meus olhos.

Finalmente, uma semana depois, guiados pelo caolho Agib, saímos de Antananarivo em direção ao norte. Dois malgaxes, de cabelos tão encarapinhados que contornavam sua cabeça como franjas de tapete, formando sobre ela uma coroa, nos acompanhavam como carregadores.

Primeiro, cruzamos os arredores e as aldeias vizinhas, onde encontramos por todas as partes, na frente de cabanas de bambus e ráfia, verdadeiras coletividades de malgaxes folgados jogando karatva, um jogo muito parecido ao que conhecemos pelo nome de damas, com a diferença de que eles, em vez de traçarem o tabuleiro sobre uma tábua, o pintam num tronco de árvore. Depois passamos por uma longa caravana de carregadores de carvão, seminus, maltrapilhos, alguns já completamente cegos, outros com uma comprida barba branca que caía sobre o peito nu, listrado pelas costelas. Alguns tinham a ajuda de um cajado para caminhar, e entre eles havia juvenzinhas, e todos, independentemente da idade, carregavam até cinco cestas redondas, uma em cima da outra, na cabeça.

Cantavam uma canção tristíssima e, embora o sol se estendesse sobre os bambus próximos, aquela caravana de espectros negruscos me sobressaltou e a tomei como mau presságio para nossa aventura.

No final da tarde alcançamos os primeiros bosques de ravenalas, bananeiras de até trinta metros de altura, com folhas largas como leques. Gritos indescritíveis de macacos acompanhavam nossa marcha. Nunca pensei que os macacos pudessem realizar um concerto de sinfonias tão variadas de berros, rugidos, lamentos, gritos, roncões, rebuscos e uivos como os que essas bestas peludas, negruscas, vermelhas e amareladas compunham nas alturas.

O “Olho de Alá”, como Taman chamava irreverentemente seu sobrinho Agib, tinha virado humano. A cada tanto virava a cabeça e sorria como uma senhorita tímida para meu primo, que, implacável como um beduíno, seguia em frente sem olhar nem para a direita nem para a esquerda, a não ser para lançar um desses palavrões que emudecem até mesmo as bestas selvagens. Pobre Guillermo Emilio! Se ele soubesse para onde estava indo com tanta pressa...

No dia seguinte, cruzamos um bosque de ébanos; logo descemos por um vale e, ao cruzar um rio lamacento, um crocodilo com cabeça em forma de corneta agarrou um dos carregadores pela panturrilha e o levou para dentro d'água, e pudemos ver quando outro

crocodilo, indo para cima dele, levou um de seus braços. A água se tingiu de vermelho, e nós nos afastamos consternados.

Sobrava agora apenas um carregador malgaxe com cara de gato de cobre, e que mantinha as carapinhas constantemente trançadas, caindo sobre sua testa como as franjas de um xairel.

No terceiro dia de nossa expedição, subimos a uns montes altos, cuja planície parecia cristalizada de vidro, de pedra negra, escorregadia como borda de garrafa. Víamos, abaixo, um mar de selva e, lá longe, o confim aquoso do Oceano Índico. Apesar de ser verão, ali em cima fazia frio. Depois de caminhar arduamente por duas horas nesta planície cristalina escura, careca, desprovida de qualquer vegetação, começamos a descida para um vale arborizado, viçoso como se estivesse coberto por grandes pedaços de veludo verde bandeira. Um grande pássaro azul passou diante de nós gritando rudemente, e começamos a descer, mas logo fomos envolvidos por uma nuvem de estanho; pressentimos água e, quando chegamos a um acordo, quase sem tempo para conseguirmos abrigo em um penhasco, irrompeu uma tempestade terrível. Raios verticais conectavam o céu e a terra, redemoínhos faziam trombas de água rodarem no espaço, e os trovões e a noite nos mantinham encolhidos debaixo de uma rocha. De repente aquele monstruoso teto de trevas se abriu e, novamente, apareceu o céu azul com um sol cintilante de alegria. Eram duas da tarde. Tiramos nossas roupas e pusemos elas ao sol para secar e, pela primeira vez desde a saída de Antananarivo, ouvimos um rugido curto, parecido com o latido de um cachorro afônico. Era um casal de panteras que andava caçando perto de nós. Jantamos vários punhados de arroz cozido na água com um pouco de óleo e tomamos várias tigelas de cacau. Logo fomos dormir. No dia seguinte, chegaríamos ao lugar onde a orquídea negra florescia.

Detesto os detalhes supérfluos. Naquela sexta-feira, às dez horas da manhã, estávamos a um passo da orquídea negra. Ismail tinha nos guiado até um caminho listrado de troncos podres de ravenalas e acácias. Uma das extremidades desse caminho estava fechada por uma muralha de rochas, coberta por um tapete de musgo, e ali, naquela extremidade rochosa, havia um tronco podre, tão deteriorado que não era possível precisar a que espécie vegetal pertencia. E desse tronco saía um talo, e no extremo desse talo... Jamais tinha visto algo tão maravilhoso, nem mesmo num quadro!

Era uma estrela de pontas franzidas, talhada num tecido de veludo preto bordado com festão de ouro. Do centro desse lânguido cálice, imenso como uma sombrinha de gueixa, surgia um cetro de prata salpicado de carvão e rosa.

Demos todos um grito de admiração. Guillermo Emilio se aproximou, estudou o tronco, removeu ele muito facilmente com um pé-de-cabra, tirou do bolso um punhado de moedas de prata, dividiu ela entre Agib e o carregador malgaxe e lhes disse:

– Removam ela cuidadosamente. Se chegarmos a Antananarivo com a flor completa, vão receber o dobro.

Armados com machados e pés-de-cabra, Agib e o malgaxe começaram a separar o tronco de sua base musguenta. Guillermo e eu começamos a construir uma padiola de bambus, dotada de um teto adequado.

– Este exemplar vai nos render vinte mil dólares, pelo menos – sussurrava Guillermo enquanto amarrava as varas.

Nunca escutei semelhante grito de terror. Corri até a orquídea e, ali, em cima da muralha, vi a cara do menino muçulmano ser atravessada por um chicote de óleo preto; de repente, esse chicote de óleo preto cruzou o espaço e não o vimos mais. Um duplo fio de sangue corria pelo rosto de Agib.

Tudo o que fizemos foi inútil. Coberto de suor sanguinolento, numa convulsão persistente, poucos minutos depois, morria Agib. Tinha razão. Uma cobra preta se escondia debaixo do tronco da orquídea. Estaria mentindo se dissesse que nos importamos com a morte do “Olho de Alá”, como o chamávamos com certo deboche. Estávamos tomados pela ganância. Vinte mil dólares agitavam nossa mente. O mesmo malgaxe havia saído de sua apatia oriental e, duas horas depois, não sem antes matar uma aranha venenosa, gorda como um sapo, colocamos o tronco da orquídea na padiola.

E, com essa preciosa carga, uma semana depois, entramos no cubículo de Taman.

– Deixe comigo; eu vou contar para ele – disse o primo Guillermo Emilio.

Lembro que Taman foi nos encontrar tremendamente pálido. Já tinha recebido a notícia da morte do filho da sua irmã.

Mas me chamou a atenção que não se dignou a dirigir um olhar sequer à preciosa flor, cujos festões de veludo e ouro enchiam o mísero ambiente revestido de tapeçaria barata e tapetes mesquinhos de um monstruoso prestígio de sonho chinês. Olhávamos uns para os outros em silêncio. Logo Taman disse:

– Onde deixaram o filho da minha irmã?

Acho que o primo Guillermo usou cinco mil palavras para explicar a Taman o fim do “Olho de Alá”. Arrancando cabelos da barba, sinal perigoso quando executado por um muçulmano robusto, Taman escutava Guillermo e, quanto mais profundo era o silêncio de Taman, mais impaciente e volúvel era a conversa fiada de Guillermo. E, de repente, Taman, cuja excelente educação não fazia esperar que reagisse de tal maneira, pegou um porrete e, colocando ele em riste sobre a cabeça de Guillermo, disse:

– Seu maldito canalha! Coma essa orquídea!

– Taman, – suplicou o primo Guillermo – Taman, entenda, nem você, nem eu, nem ele tem culpa. Sobre comer esta orquídea, não diga besteira. Você comeria vinte mil dólares?

– Eu mandei você comer essa orquídea!

– Veja bem, Taman, seu querido sobrinho...

– Você vai comer essa orquídea, canalha!

O tom ameaçador que Taman empregou dessa vez foi aterrorizante. O primo Guillermo certamente percebeu isso, pois, sem nenhum pudor, se ajoelhou diante de Taman e, agarrando sua jelaba, lhe disse:

– Escute, meu honrado irmão...

Uma sombra de ferocidade cobriu o rosto de Taman. Guillermo Emilio viu essa sombra e, com infinita melancolia, se dirigiu à padiola onde a orquídea negra deixava cair seu bicudo cálice de veludo e ouro.

– Taman, pense bem...

– Coma! – esbravejou Taman.

Então, pela primeira, e provavelmente última vez em minha vida, vi um homem comer vinte mil dólares. Meu primo Guillermo arrancou a orquídea de seu tronco e, com o mesmo desespero de quem devora suas próprias vísceras, começou a morder e engolir o suntuoso veludo da flor. Quando Guillermo terminou de comer o último pedacinho de veludo e ouro, Taman saiu do cubículo em silêncio e Guillermo desmaiou.

Ficou dois meses mal do estômago e, quando acharam que tinha se curado, contraiu uma peste curiosíssima; manchas pretas com borda bronzeada começaram a cobrir a pele de todas as partes do seu corpo e, embora muitos médicos suspeitem que é uma afecção nervosa, nenhuma autoridade permite que meu primo Guillermo abandone a ilha onde “comeu sua fortuna”.

“El cazador de orquídeas”, de Roberto Arlt

Djamil entró en mi camarote y me dijo:

– Señor, ya están apareciendo las primeras montañas.

Abandoné precipitadamente mi encierro y fui a apoyarme de codos en la borda. Las aguas estaban bravías y azules, mientras que en el confín la línea de montañas de Madagascar parecía comunicarle al agua la frialdad de su sombra. Poco me imaginaba que dos días después me iba a encontrar en Tananarivo con mi primo Guillermo Emilio, y que desde ese encuentro me naciera la repugnancia que me estremece cada vez que oigo hablar de las orquídeas.

Efectivamente, dudo que en el reino vegetal exista un monstruo más hermoso y repelente que esta flor histérica, y tan caprichosa, que la veréis bajo la forma de un andrajo gris permanecer muerta durante meses y meses en el fondo de una caja, hasta que un día, bruscamente, se despierta, se despereza y comienza a reflorcer, coloreándose con las tintas más vivas.

Yo ignoraba todas estas particularidades de la flor, hasta que tropecé con Guillermo Emilio, precisamente en Madagascar.

Creo haber dicho que Guillermo Emilio era cazador de orquídeas. Durante mucho tiempo se dedicó a esta cacería en el Sur del Brasil; pero luego, habiendo la justicia pedido su extradición por no sé qué delito de estafa, de un gran salto compuesto de numerosos y misteriosos zigzags se trasladó a Colombia. En Colombia formó parte de una expedición inglesa que en el espacio de pocos meses cazó dos mil ejemplares de orquídeas en las boscosas montañas de Nueva Granada. La expedición estaba costosamente equipada, y cuando los ingleses llegaron a Bogotá, de los dos mil ejemplares quedaban vivos únicamente dos. El resto, malignamente, se había marchitado, y el financiador de la empresa, un lustrabotas enriquecido, enloqueció de furor.

Completamente empobrecido, y además mal mirado por la policía, Guillermo Emilio emigró a México, donde pretende que él fue el primero que descubrió la especie que conocemos bajo el nombre de “orquídea del azafrán”. No sé qué incidentes tuvo con un nativo – los mejicanos gente violenta –, que Guillermo Emilio desapareció de México con la misma presteza que anteriormente salió de Río Grande, después de Natal, luego de Bogotá y, finalmente, de Tampico. Algunos maldicientes susurraban que el primo Guillermo Emilio combinaba el robo con la caza, y no diré que sí ni que no, porque bien claro dicen las Sagradas Escrituras: “No juzgues si no quieres ser juzgado”.

Era él un hombre alto como un poste, de piernas largas, brazos largos, cara larga y fina y mucha alegría que gastar. Se le encontraba siempre vestido con un traje caqui, polainas y casco de explorador y un cuaderno bajo el brazo. En este cuaderno estaban pegados varios recortes de periódicos de provincia, donde se le veía junto a una

planta de orquídeas acompañado de un grupo de indígenas sonrientes. Tal publicidad le permitió robar en muchas partes.

Este es el genio que yo me encontré una mañana de agosto en Tananarivo, cuando semejante a un babieca abría los ojos como platos frente al disparatado palacio que ocupó la ex reina indígena Ranavalo. Este palacio lo construyó un francés aventurero que recaló en Madagascar huyendo de sus crueles deudores, y de quien me contaron extraordinarias anécdotas; pero dejémoslas para otro día.

Estaba, como digo, de pie, abriendo los ojos frente al palacio y rodeado de un grupo de cobrizas chiquillas, con motas trenzadas y desparramadas, como los flecos de una alfombra, sobre su frente de chocolate. Por momentos miraba el palacio de la pobre Ranavalo, y si le volvía la espalda tropezaba con una multitud de robustos malgaches, que con la cabeza cargada de cestos de caña pasaban hacia el mercado transportando sus plátanos. También pasaban rechinantes carros arrastrados por pequeños cebúes despojados de su rabo por una infección que permite salvar al buey sacrificando su cola. Yo conocía un chiste muy divertido respecto al buey y su cola, pero ahora no lo recuerdo. Adelante.

Mis proyectos eran variados. Uno consistía en marcharme a los arrozales de Ambohidratrimo, otro – y este me seducía particularmente – en cruzar oblicuamente la isla partiendo de Tananarivo para el puerto de Majunga, y embarcarme allí para el archipiélago de las Comores. Ninguno de estos proyectos estaba determinado por la necesidad de los negocios, sino por el placer. De pronto escuché una gritería y vi a un viejo con casco de corcho que salió maldiciendo y riéndose a la puerta de su almacén, y al tiempo que maldecía y se reía, amenazaba con el puño la copa de un cocotero. Entonces, fijándome en donde señalaba el viejo, vi un mono con un gran cigarro que le había robado. En el almacén ladero un chino, con un blusón azul que le llegaba a los talones y una gran coleta, miraba al mono, que fumaba haciéndole amenazadoras señales.

– ¡Tony! ¡Tú aquí, Tony!

¿Quién diablos me llamaba?

Me volví, y allí, para mi desgracia, estaba el primo Guillermo, con su traje caqui y el cuaderno debajo del brazo. Mientras cambiábamos las primeras preguntas yo pensaba en echarle escrupuloso candado a mi cartera. Sin embargo, me dejé persuadir, y Guillermo, tomándome de un brazo exclamó en voz alta, tan alta, que creo que le pudo escuchar el chino del “fondak” frontero:

– Nunca entres al restaurante de un chino. Será un misterio para ti lo que te dé de comer.

Terminó mi primo de pronunciar estas palabras, se corrió una cortinilla de abalorios, y corpulento, con una barba despejada sobre su pecho y un turbante del razonable diámetro de una piedra de molino, apareció Taman. Arrastrando sus amarillas babuchas por el piso de madera, se aproximó a nuestra mesa, y Guillermo Emilio le dijo:

– Honorable Taman: te presentaré a un primo mío, perteneciente a una muy noble familia de América.

Taman me saludó al modo oriental; luego estrechó calurosamente mi mano, y yo pensé si no había caído en una emboscada. Luego un chico tuerto, con una lamentable chilaba colgando de sus hombros y un fez rojo, depositó tres vasos de café sobre la mesa, y el primo Guillermo me lo presentó:

–Es sabio y virtuoso como el ojo de Alá.

El pequeño tuerto me saludó lo mismo que su amo, y el primo Guillermo continuó:

– A ti puedo confiarme – miró en derredor cautelosamente –. Este prodigioso niño, llamado Agib, ha descubierto la orquídea negra. Dice que de pétalo a pétalo la flor mide cerca de cuarenta centímetros.

– ¿Y dónde descubrió ese prodigio?

– A ti puedo confiártelo. Es en el Oeste del lago Itasy, sobre una falda del Tananarivo.

– ¿Y por qué no la cazó él?

El tuerto, a quien su tío Taman encontraba sabio y virtuoso como el ojo de Alá, me respondió:

– Te diré, señor. He oído decir en ese paraje que en el tronco mismo de la orquídea se oculta una venenosísima serpiente negra...

El primo Guillermo masculló:

– ¡Supersticiones! ¿No sabes, acaso, que el perfume de las orquídeas ahuyenta a las serpientes?

– ¿Y qué piensas hacer tú? – intervine yo, que a mi pesar comenzaba a sentirme interesado en la aventura.

– Contrataré a dos indígenas, cargaremos el tronco en una angarilla y traeremos la orquídea aquí.

Taman, el dueño del tabuco, que bebía su café silenciosamente, remató el diálogo con estas palabras, al tiempo que acariciaba la nuca de su sobrino:

– Este precioso niño no se equivoca nunca. Le aconseja un djim.

Finalmente, después de muchas conferencias tratos y disputas, como se acostumbra en Oriente, Taman le alquiló al primo Guillermo Emilio su sobrino con las siguientes condiciones, de cuya puntual enumeración fui testigo:

TAMAN: Convenimos tú y yo en que no le pegarás al niño con el puño ni con un bastón.

GUILLERMO: Únicamente le pegaré cuando haga falta.

TAMAN: Pero ni con el puño ni con el bastón.

GUILLERMO: Pero sí podré utilizar una vara flexible.

TAMAN: Sí; podrás. Le darás, además, de comer suficientemente.

GUILLERMO: Sí.

TAMAN: Le dejarás dormir donde quiera, sin forzar su voluntad.

GUILLERMO: Sí; menos cuando esté de guardia.

TAMAN: No serás con él cruel ni autoritario.

GUILLERMO (*impaciente*): ¡No pretenderás que le trate como si fuera mi esposa preferida!

TAMAN: Bueno, bueno; te recomiendo a la alegría de mi vida, al hijo de mi hermana y a la preferencia de mis ojos.

Finalmente, una semana después, guiados por el tuerto Agib, salimos de Tananarivo en dirección al Norte. Dos malgaches, de pelo tan rizado que les formaba en torno de la cabeza una corona de flecos de alfombra, nos acompañaban como cargueros.

Primero cruzamos los arrabales y las aldeas vecinas, donde encontramos por todas partes, frente a sus cabañas de bambú y rafia, verdaderas colectividades de poltrones malgaches jugando al karatva, un juego muy parecido al nuestro que se conoce bajo el nombre de las damas, con la diferencia que ellos, en vez de tener trazado su tablero en una tabla, lo han pintado en un tronco de árbol. Después dejamos detrás una larga caravana de cargadores de carbón, semidesnudos, andrajosos, algunos ya completamente ciegos, otros con larga barba blanca caída sobre el pecho desnudo rayado de costillas. Algunos se ayudaban a caminar con un báculo, y entre ellos venían jovencitas, y todos, sin distinción de edad, cargaban hasta cinco cestas redondas, puestas una encima de la otra, sobre la cabeza.

Cantaban una canción tristísima, y aunque el sol se extendía sobre los próximos bambúes, aquella caravana de espectros negruzcos me sobrecogió, y la consideré de mal augurio para nuestra aventura.

Al caer la tarde alcanzamos los primeros bosques de ravenales, plantas de bananos de hasta treinta metros de altura, con anchas hojas como abanicos. Indescriptibles gritos de monos acompañaban nuestra marcha. Nunca imaginé que los monos pudieran concertar tan variadísimas sinfonías de chillidos, rugidos, lamentaciones, gritos, ronquidos, rebuznos y aullidos, como los que estas bestias peludas, negruzcas, rojas y amarillentas componían desde sus alturas.

El "Ojo de Ala", como irreverentemente llamaba Taman a su sobrino Agib, se había humanizado. De tanto en tanto volvía la cabeza y le dirigía una sonrisa de señorita tímida a mi primo, que, implacable como un beduino, seguía adelante sin mirar a derecha ni izquierda, a no ser para lanzar una de esas malas palabras que hasta a las bestias de la selva las obligan a enmudecer. ¡Pobre Guillermo Emilio! ¡Si sabía él para que se apresuraba!...

Al día siguiente ya cruzamos un bosque de ébano; luego descendimos a un valle, y al cruzar un río cenagoso un cocodrilo, que tenía la misma cabeza conformada que una corneta, atrapó por una pantorrilla a un carguero y se lo llevó aguas adentro, y pudimos ver cuando otro cocodrilo precipitándose sobre él, le llevó un brazo. El agua se tiñó de rojo, y nosotros nos alejamos consternados. Quedaba ahora un solo cargador malgache, con cara de gato de cobre, y cuyas motas las mantenía constantemente peinadas en trencitas, que le caían sobre la frente como los flecos de una gualdrapa.

El tercer día de nuestra expedición subimos a la altura de unos montes, cuya planicie parecía de cristalización vidriada, piedra negra, resbaladiza como canto de botella. Abajo

se veía el mar de la selva, y allá muy lejos el confín aguanoso del Océano Índico. A pesar de que estábamos en verano, allí arriba hacía frío. Después de caminar trabajosamente durante dos horas por esta planicie cristalina oscura, pelada de toda vegetación, comenzamos el descenso hacia un valle arborescente, verde como si estuviera recortado en grandes paños de terciopelo verde cotorra. Un gran pájaro azul cruzó delante de nosotros chillando ásperamente, y comenzamos a bajar, pero pronto nos envolvió una nube de estaño; mascábamos agua, y cuando quisimos acordar, casi sin tiempo para refugiarnos debajo de un peñasco, estalló una tempestad terrible. Verticales centellas conectaban el cielo y la tierra, torbellinos de agua rodaban en el espacio sus trombas de lluvia, y los truenos y la noche nos mantenían acurrucados bajo una roca. De pronto aquel monstruoso techo de tinieblas se resquebrajó, y nuevamente apareció el cielo azul, con un sol centelleante de alegría. Eran las dos de la tarde. Nos desnudamos y pusimos a secar nuestra ropa al sol, y por primera vez desde la salida de Tananarivo oímos el rugido corto, parecido al ladrido de un perro afónico. Era una pareja de panteras que andaba cazando cerca de nosotros. Cenamos varios puñados de arroz hervido en agua con un poco de aceite y bebimos abundantes cuencos de cacao. Luego nos echamos a dormir. Al día siguiente alcanzaríamos el paraje donde florecía la orquídea negra.

Aborrezco los detalles superfluos. Aquel viernes, a las diez de la mañana estábamos a un paso de la orquídea negra. Ismail nos había guiado hasta un pequeño sendero rayado de troncos podridos de ravanales y acacias. Este sendero estaba cerrado al fondo por un murallón de roca, pero cubierto también de una alfombra de musgo, y allí, al fondo derribado sobre el roquedal, se veía un tronco podrido, tan deshecho, que no podía precisarse a que especie vegetal pertenecía. Y de este tronco arrancaba un tallo, y al extremo de este tallo..., ¡jamás he visto nada tan maravilloso, ni aun pintado!

Era una estrella de picos fruncidos, tallada en un tejido de terciopelo negro bordado de festón de oro. Del centro de este cáliz lánguido, inmenso como una sombrilla de geisha, surgía un bastón de plata espolvoreado de carbón y rosa.

Todos lanzamos un grito de admiración. Guillermo Emilio se aproximó, estudió el tronco, lo removió con una palanca muy fácilmente, sacó del bolsillo un puñado de monedas de plata, las repartió entre Agib y el carguero malgache, y les dijo:

– Retírenla cuidadosamente. Si llegamos a Tananarivo con la flor completa, les daré el doble. Armados de hachas y palancas, Agib y el malgache comenzaron a separar el tronco de su base musgosa. Guillermo y yo dimos principio a la construcción de una angarilla de bambú provista de su correspondiente techo.

– Este ejemplar nos reportará veinte mil dólares por lo menos – cuchicheaba Guillermo, mientras ataba las cañas.

Nunca escuché un grito de terror semejante. Salté hacia la orquídea, y allí, arriba del murallón vi al niño musulmán con la cara cruzada por un látigo de aceite negro; de pronto este látigo de aceite negro cruzó el espacio, y ya no le vimos más. Un doble hilo de sangre corría por la mejilla de Agib.

Fue inútil cuanto hicimos. Cubierto de sudor sanguinolento, estremeciéndose continuamente, pocos minutos después moría Agib. Tenía razón. Una serpiente negra se ocultaba bajo el tronco de la orquídea.

Yo mentiría si dijera que la muerte del "Ojo de Alá", como le llamábamos un poco burlescamente, nos importó. Estábamos envenenados de codicia. Veinte mil dólares danzaban ahora en nuestra mente. El mismo malgache había salido de su apatía a oriental, y dos horas después, no sin matar previamente una araña venenosa, gorda como un sapo, cargamos en la angarilla el tronco de la orquídea.

Y con esta preciosa carga una semana después entrábamos al tabuco de Taman.

– Déjame a mí; yo le hablaré – dijo el primo Guillermo Emilio.

Recuerdo que Taman salió a nuestro encuentro sumamente pálido. Tenía ya noticia de la muerte del hijo de su hermana.

Pero me llamó la atención que no se dignó dirigir una sola mirada a la preciosa flor, cuyos festones de terciopelo y oro llenaban la misera habitación revestida de tapices baratos y alfombras mezquinas de un monstruoso prestigio de sueño chino. Nos miramos todos en silencio. Luego Taman dijo:

– ¿Dónde han dejado al hijo de mi hermana?

Creo que el primo Guillermo empleó cinco mil palabras para explicarle a Taman el final del "Ojo de Alá". Mesándose la barba, lo cual es signo peligroso en un musulmán robusto, Taman escuchaba a Guillermo, y cuanto más profundo era el silencio de Taman, más impaciente y voluble era la cháchara de Guillermo. Y de pronto Taman, cuya exquisita educación no hacía esperar esta reacción de su parte, agarró un garrote, y levantándolo sobre la cabeza de Guillermo dijo:

– ¡Perro maldito! ¡Cómete esa orquídea!

– ¡Taman – suplicó el primo Guillermo –, Taman, entiéndeme, ni tú, ni yo, ni él tuvo la culpa! En cuanto a comerme esa orquídea, no digas disparates. ¿Te comerías veinte mil dólares?

– ¿Cómete esa orquídea, he dicho!

– Entendámonos, Taman: tu querido sobrino...

– ¡Vas a comerme esa orquídea, perro!

El tono que esta vez empleó Taman para amenazar fue terrorífico. Que el primo Guillermo se percató de ello lo demuestra el hecho que sin ningún pudor se arrodilló delante de Taman, y tomándole la chilaba, le dijo:

– Escúchame, honorable hermano mío...

Una sombra de ferocidad cruzó el rostro de Taman. Guillermo Emilio vio esa sombra, y con infinita melancolía se dirigió a la angarilla donde la orquídea negra dejaba caer su picudo cáliz de terciopelo y oro.

– Taman, piensa...

– ¡Come! – ladró Taman.

Entonces, por primera, y probablemente última vez en mi vida, he visto a un hombre comerse veinte mil dólares. El primo Guillermo desgarró la orquídea de su tronco, y con la misma desesperación de quien devora sus propias entrañas comenzó a morder y tragarse el suntuoso tejido de la flor. Cuando Guillermo terminó de comerse el último pedacito de terciopelo y oro, Taman Salió del tabuco en silencio, y Guillermo se desmayó.

Estuvo dos meses enfermo del estómago, y cuando creyeron que se había curado, una peste curiosísima, manchas negras con borde bronceado, le comenzó a cubrir la piel en todas partes del cuerpo, y aunque varios médicos sospechan que es una afección nerviosa, ninguna autoridad sanitaria le permite al primo Guillermo abandonar la isla donde “se comió su fortuna”.